



## O método da *genealogia* empregado por Foucault no estudo do *poder-saber* psiquiátrico

The genealogical method used by Foucault in the study of psychiatric *power-knowledge*

**Gilbert Cardoso Bouyer**

Universidade Federal de Ouro Preto  
Brasil

### Resumo

Pesquisadores interessados no método genealógico são convidados a buscar pelas discontinuidades e rupturas na história. Logo, este artigo enfoca o método genealógico, usado por Michel Foucault, na análise do poder psiquiátrico no século XIX. Há alguns métodos de Foucault avaliados neste artigo: (a) Análise das práticas psiquiátricas e (b) Análise das formações discursivas – respectivamente os métodos genealógico (a) e arqueológico (b) descritos por Foucault. O saber psiquiátrico da época era baseado em tratamento moral da loucura, punição e outras táticas descritas por Foucault. No termo "genealogia", há a sugestão das origens complexas e mundanas das práticas psiquiátricas no século XIX. O asilo funcionava como um espaço médico demarcado pelo poder. As questões da direção administrativa, as técnicas de questionamento e punição – os símbolos do conhecimento psiquiátrico – tornaram-se temas principais no estudo de Foucault.

**Palavras-chave:** genealogia; poder psiquiátrico; Foucault

### Abstract

Researchers interested in the genealogical method are invited to search for discontinuities and ruptures in the history. So, this paper focuses the genealogy method, used by Michel Foucault, in the analysis of the psychiatric power at the turn of the XIX century. There are some methods of Foucault evaluated in this paper: (a) Analysis of the psychiatric practices and (b) Analysis of the discursive formations - genealogical (a) and archaeological (b) methods respectively described by Foucault. The psychiatric knowledge of the time was based on moral treatment of madness, punishment and another tactics described by Foucault. By the use of the term "genealogy" there is a suggestion of complex and mundane origins of the psychiatric practices at the turn of the XIX century. The asylum had functioned as a medical space demarcated by power. The questions of administrative direction, the techniques of questioning and punishment - the symbols of psychiatric knowledge - become major themes in the Foucault study.

**Keywords:** genealogy; psychiatric power; Foucault

### 1. Introdução

O objetivo deste texto é, sem avaliar nenhum documento histórico da época estudada, analisar tão somente os métodos utilizados por Foucault no estudo do poder-saber psiquiátrico, reproduzindo as análises e conclusões elaboradas por Foucault (e elucidadas por alguns de seus comentadores).

Há diferentes formas de reconstituir a história de um determinado saber, sua gênese. Michel Foucault marcou a história do saber psiquiátrico ao utilizar, no estudo histórico de sua gênese e de seu desenvolvimento descontínuo, o método da genealogia, cujas origens remontam às influências de Nietzsche sobre o historiador-filósofo (1).

A construção genealógica de Foucault, em torno do binômio *poder-saber*, tornou-se bastante conhecida principalmente pelas suas fortes influências herdadas de Nietzsche. É justamente por se utilizar da genealogia nietzschiana (principalmente cf. Nietzsche, 1887/2004) que Foucault vai se firmar como legítimo genealogista. Ou seja, por deixar de lado a busca de um sentido profundo, da origem justificadora de um dado saber, ou da sua finalidade supostamente calcada num valor superior. Não há a "visão de uma



continuidade" ou, quiçá, de um funcionamento operante numa instituição e/ou indivíduo psicológico. A genealogia é a negação destes postulados:

Ora, se o genealogista tem o cuidado de escutar a história, em vez de crer na metafísica, o que aprende ele? Que há "algo bem diferente" por trás das coisas: não absolutamente seu segredo essencial e sem data, mas o segredo de que elas são sem essência ou que sua essência foi construída peça por peça a partir de figuras estranhas a ela (Foucault, 1971/2001, p.1006, trad. nossa).

No presente caso, qual seja, no estudo do poder-saber psiquiátrico, é isso que Foucault vai demonstrar por vias da genealogia: As "marcas de um saber" (poder...), quais sejam:

- a) Os jogos: como, por exemplo, o que o autor denomina de "jogo de punição/remédio": jogo de significações e o duplo jogo do remédio e da punição (Foucault, 1974/2006a, p. 231), além do jogo do interrogatório médico no início do séc. XIX;
- b) As regras: como, por exemplo, as que são tácitas, anônimas, caracterizadas por Foucault como aquilo que rege os indivíduos e a coletividade e que fazem emergir o discurso, seja ele psicológico ou sociológico. São, de fato, o que está subjacente aos dispositivos, nas formações discursivas sobre, no caso, a loucura, e lá já estão dadas essas regras; o fundo de uma rede de poder na qual indivíduo, grupo e instituição adquirem forma; aquilo que a instituição mantém em seu funcionamento;
- c) Os dispositivos, as táticas e as técnicas: uma vez que a própria genealogia é uma tática (ou um método tático...), o genealogista vai analisar, por exemplo, aquelas técnicas utilizadas pelo "sistema diretivo", as quais visavam fazer agir uma "verdade produzida - a do outro", e, também, visavam fazer agir o poder disciplinar do regime asilar no corpo do indivíduo - Nervuras da realidade, ou "tática na luta asilar", segundo Foucault: Submissão dos internos ao tratamento moral; imposição sobre a consciência do indivíduo de uma realidade definida por Foucault como a "vontade do outro: o médico" (Foucault, 1974/2006a, p. 220); técnica da anamnese; técnicas relativas "ao dinheiro, às necessidades, à necessidade do trabalho, todo o sistema das trocas e das utilidades, a obrigação de prover as suas necessidades" (Foucault, 1974/2006a, p. 221); infiltração, na consciência do indivíduo, da idéia de sua própria doença não como moléstia, mas sim como maldade, defeito, falha, erro, presunção, falta de atenção, como nos casos em que o autor descreve as práticas de Dr. Leuret do tratamento baseado na violência e na "militarização" dos doentes.

Marcas de um saber: Marcas de um poder disciplinar (no asilo...); um sistema diretivo que age nos corpos dos doentes; tudo isso é encontrado e demonstrado por Foucault (no seu emblema de genealogista) ao invés de um suposto conteúdo "ideal" e "positivo" de uma suposta ciência psiquiátrica harmônica e contínua, finalística. Ao contrário disso, ela é, de fato, formal, disciplinar e descontínua, repleta de rupturas...

À genealogia pode-se opor os hinos do progresso ou das finalidades históricas e, contudo, "num certo sentido, a peça representada neste teatro sem lugar é sempre a mesma: é aquela que repetem infinitamente os dominantes e dominados". Mas, para o genealogista, este drama não é um jogo de significados nem uma simples intensificação da batalha de sujeitos. É, antes, uma emergência de um campo estrutural de conflitos (Dreyfus & Rabinow, 1983/1995, p.122).

Essas marcas do saber sujeitado vão não apenas dar "corpo" ao saber médico-psiquiátrico, como permitir que o médico funcione (no sentido mesmo de função, funcionamento... na articulação da instituição com o indivíduo) como tal no interior do asilo. A análise do saber, no método genealógico, jamais descarta os "saberes



sujeitados” mas, por sua vez, vai colocá-los no cerne da investigação histórica. Ou seja, o genealogista almeja desbravar o “saber sujeito”, soterrado nos porões da história convencional, contínua, regular, homogênea, para aí reencontrar o não-convencional da história, as descontinuidades e rupturas, a irregularidade, as erupções na dispersão e na heterogeneidade dos acontecimentos e enunciados de um saber desnudado de traços ideais e finalísticos – “A insurreição dos saberes sujeitos”:

E, por “saber sujeito”, entendo duas coisas. De uma parte, quero designar, em suma, conteúdos históricos que foram sepultados, mascarados em coerências funcionais ou em sistematizações formais. Concretamente, se preferirem, não foi certamente uma semiologia da vida em hospício, não foi tampouco uma sociologia da delinquência, mas sim o aparecimento de conteúdos históricos o que permitiu fazer, tanto no hospício como na prisão, a crítica efetiva. E pura e simplesmente porque apenas os conteúdos históricos podem permitir descobrir a clivagem dos enfrentamentos e das lutas que as ordenações funcionais ou as organizações sistemáticas tiveram como objetivo, justamente, mascarar. Portanto, os saberes sujeitos são blocos de saberes históricos que estavam presentes e disfarçados no interior dos conjuntos funcionais e sistemáticos, e que a crítica pôde fazer reaparecer pelos meios, é claro, da erudição (Foucault, 1976/2005a, p.11).

Trata-se deste “reaparecer” enquanto emergência num jogo de forças. Saber que só adquire corpo na própria presença do corpo físico do médico no asilo. Eis a marca de Foucault - O Genealogista - na sua visão sobre o poder psiquiátrico, marcado pela onipresença da figura do médico - em corpo físico - como o verdadeiro corpus desse poder-saber psiquiátrico a se impor como realidade objetiva aos internos. Ao corpo do médico deveria se submeter o corpo do doente:

O asilo é o corpo do psiquiatra, alongado, distendido, levado às dimensões de um estabelecimento, estendido a tal ponto que seu poder vai se exercer como se cada parte do asilo fosse uma parte do seu próprio corpo, comandada por seus próprios nervos. De forma mais precisa, direi que essa assimilação do corpo do psiquiatra/lugar asilar se manifesta de diferentes maneiras. (...) Esse corpo deve se impor ao doente como realidade ou como aquilo através de que vai passar a realidade de todas as outras realidades. É a esse corpo que o doente deve ser submetido (Foucault, 1974/2006a, p. 227).

## 2. Desenvolvimento do tema

### 2.1. Métodos de Pesquisa

O presente texto é o resultado de uma conciliação de diferentes métodos de pesquisa os quais, em seu conjunto, buscam estudar o próprio método arqueológico da denominada arqueologia do saber de Michel Foucault (Foucault, 1969/2002; Dreyfus & Rabinow, 1983/1995) aliado ao método de estudar os métodos foucaultianos de análise das práticas sociais descritas por Foucault numa espécie de “genealogia da genealogia...” do poder-saber psiquiátrico - aqui esboçada sob inspiração das próprias genealogias realizadas por Michel Foucault em sua obra: [1- do poder e seu funcionamento no campo de uma microfísica (Foucault, 1979/1993); 2- do regime asilar com sua técnica de direção e seu sistema diretivo (Foucault, 1974/2006a, p. 225); 3- do poder disciplinar, dos suplícios, das punições e da mutação histórica do poder de soberania (“visibilidade



do soberano”) ao poder disciplinar (“invisibilidade do mecanismo de poder e visibilidade plena do objeto sobre o qual age pelo modelo do Panopticon de Bentham”) (Foucault, 1975/2004a, 1976/2005a); 4- do poder-saber psiquiátrico (2) (Foucault, 1974/2006a); 5- da diversidade de referentes e significados sob o <<objeto-loucura>>, variável e mutante, segundo Michel Foucault, em diferentes *epistèmes* (Foucault, 1961/2005b); 6- da “anátomo-política (3) do corpo humano”, a nova tecnologia do poder: o biopoder.

Por algo como um método de revisão dos textos, discursos, entrevistas do pensador (como ele fazia ao aplicar o método arqueológico... em seus objetos de estudo...), o presente texto - fruto de cinco anos de estudos baseados em: a- pesquisas bibliográficas; b- leituras sistemáticas das principais obras; c- análise de documentos, entrevistas, matérias jornalísticas e algumas gravações; d- análise sistemática de vários periódicos originalmente escritos em língua francesa, muitos deles reunidos nas coletâneas “*Dits et écrits...*” (pela Gallimard) (Foucault, 2001), tendo como foco o termo “poder-saber psiquiátrico” - buscou avaliar os métodos de Foucault no estudo das formações discursivas presentes no saber psiquiátrico dos séculos XVIII e XIX, em destaque, os saberes e o poder exercido no século XIX, com seus conjuntos de enunciados dispersos que “nomeavam, recortavam, descreviam e explicavam” (Foucault, 1969/2002, p. 36) as práticas e terapias psiquiátricas e de internamento dos asilos nestes período histórico. Como estes saberes tiveram sua gênese fomentada pelo dispositivo de poder asilar? Como não atingem o nível da verificação, da demonstração e da validação dos modelos científicos positivos contemporâneos? Como permanecem como um “saber de tratamento moral da loucura”, por meio da violência e da punição? Eis as questões que o estudo do método de análise das práticas estudadas por Foucault busca responder neste trabalho.

Foi possível, por este roteiro inspirado no método “genealógico”, adentrar os textos de Foucault e de seus comentadores, verificando neles os jogos de regras que definiram as transformações desse saber ao longo do tempo, bem como as rupturas nele presentes e, também, as descontinuidades internas a ele próprio.

Nesta empreitada de uma revisão em forma de “genealogia” da “genealogia do saber psiquiátrico”, o foco foi apontado para os textos de Foucault que descrevem as “práticas psiquiátricas em si”, como aquelas mais violentas adotadas por Leuret e Pinel (4) (Foucault, 1974/2006a, p. 185), por exemplo. Objetivou-se, assim, a compreensão do próprio sistema de práticas articulado no espaço asilar - sua relação com o exercício do poder médico e a constituição (ou emergência) de um saber gerado (no sentido de gênese) de uma matriz de poder disciplinar e de repressão. O objetivo era, então, compreender o “campo de batalha” travado entre médico e paciente no espaço asilar, e compreendê-lo tal qual se manifestava nestas práticas, em sua relação com a formação dos enunciados psiquiátricos e de um campo de saber ainda desconectado dos modelos de verificação, validação e demonstração hoje amplamente vigentes nos modelos das ciências médicas atuais.

Em síntese, na constituição do presente estudo, o método da “arqueologia...”, (ao nos debruçarmos sobre os textos, entrevistas, artigos, livros, etc. do próprio Michel Foucault...) focou a análise das discursividades locais (no asilo), e um olhar genealógico buscou enxergar, nestes mesmos materiais (de Foucault e comentadores), as táticas ligadas aos “saberes dessujeitados” no universo psiquiátrico dado no espaço asilar. Estes dois métodos são descritos como complementares no estudo do dispositivo de poder como instância produtora (poder que produz) da prática discursiva (Foucault 1974/2006a, p.16).

## 2.2. Resultados e Discussão

A técnica médica asilar, vazia de um conteúdo de cientificidade e saber baseado nas positivities como as que se assemelham às ciências da natureza, era, na visão de Foucault, uma “prática da direção” (Foucault, 1974/2006a, p. 217), de repartição do espaço intra-asilar; técnica de um regime - disciplinar - exercido pelo médico e seus auxiliares. Aqui, tem-se, então, um forte traço do estilo de {Foucault-genealogista}.



Ele encontra na história do poder-saber psiquiátrico não uma origem abundante em produção positiva de conhecimentos, e técnicas de investigação científica, verificação e validação de uma ação sobre a doença em sua nosografia, em sua etiologia, isolados de um "tratamento moral" e punitivo.

Ao invés desse conteúdo positivo, a genealogia, em sua análise histórica, em seu recuo no tempo histórico da psiquiatria encontra, antes, aqueles "saberes sujeitados", imiscuídos num conjunto de técnicas e práticas que não possuem ligação direta com a busca por conhecer a doença em seu "conteúdo profundo":

(...) saberes ingênuos, saberes hierarquicamente inferiores, saberes abaixo do nível do conhecimento ou da cientificidade requeridos. E foi pelo reaparecimento desses saberes de baixo, desses saberes não qualificados, desses saberes desqualificados mesmo, foi pelo reaparecimento desses saberes: o do psiquiatrizado, o do doente, o do enfermeiro, o do médico, mas paralelo e marginal em comparação com o saber médico, o saber do delinqüente, etc. (...) desses saberes desqualificados, que foi feita a crítica. (Foucault, 1976/2005a, p.12).

Há, antes de mais, a busca por disciplinar e enquadrar o doente na verdade do outro. A doença não é o objeto, o doente sim. Este tipo de "esvaziamento", de encontro com uma "ausência de uma finalidade nobre, repleta de valores nobres" é uma característica típica da genealogia nietzschiana, visto que:

A genealogia não pretende recuar no tempo para estabelecer uma grande continuidade para além da dispersão do esquecimento; sua tarefa não é mostrar que o passado está ainda ali, bem vivo no presente, animando-o ainda em segredo, após ter imposto a todos os obstáculos de percurso uma forma esboçada desde o início. Nada que se assemelharia à evolução de uma espécie, ao destino de um povo. Seguir o filão complexo da proveniência é, pelo contrário, manter o passado como dispersão que a ele é própria; é situar os acidentes, os ínfimos desvios – ou, pelo contrário, as completas inversões – os erros, as falhas de apreciação, os cálculos errôneos que fizeram nascer o que existe e tem valor para nós; é descobrir que, na raiz daquilo que conhecemos e do que somos, não há absolutamente a verdade e o ser, mas a exterioridade do acidente (Foucault, 1971/2001, p.1009).

O passado do saber psiquiátrico, ao olhar da genealogia, é um conjunto de eventos e acontecimentos dispersos; um conjunto de acidentes, desvios, erros, falhas (como abundam nas práticas do regime asilar) – esses turbilhões violentos, acidentais, de uma verdadeira luta entre a razão e a des-razão no interior mesmo do espaço clínico é que fizeram nascer o saber psiquiátrico que hoje existe e na forma como é praticado. Na raiz do que se conhece como psiquiatria não está uma verdade advinda da pesquisa e da procura por um saber isento de vestígios morais, mas está a exterioridade do acidente, o tratamento moral do louco, a exterioridade das técnicas e táticas do regime asilar, o sistema diretivo (as práticas de direção...): a exterioridade de uma cura vista como processo de sujeição física que produz um indivíduo "sujeitado" tido como curado.

Este esvaziamento de todo idealismo do saber psiquiátrico, de todo humanismo atribuído a Pinel ou a Esquirol, é um elemento típico do método genealógico em Foucault na análise do saber psiquiátrico. Não havia a "cura" como processo de aniquilação de um agente causador da doença ou enquanto combate a um complexo causal patogênico (quer por tratamento, por aconselhamento, pela escuta ou pela medicação; pelas diferentes formas de terapia...). A genealogia do saber psiquiátrico mostra que o que se



tinha como “cura” era uma adequação a uma matriz disciplinar. Curar era fazer enquadrar, moldar, conformar, disciplinar... enfim, sujeitar:

A cura é o processo de sujeição física cotidiana, imediata, realizada no asilo, que vai constituir como indivíduo curado o portador de uma quádrupla realidade. E essa quádrupla realidade de que o indivíduo deve ser portador, quer dizer, deve ser receptor, é a lei do outro, a identidade a si, a não-admissibilidade do desejo, a inserção da necessidade num sistema econômico. São esses quatro elementos que, quando terão sido efetivamente admitidos pelo indivíduo tratado, vão qualificá-lo como indivíduo curado. Quádruplo sistema de sujeição, que, em si, por sua efetivação, cura, restitui o indivíduo (Foucault, 1974/2006a, p.222).

Portanto, a cura, neste enfoque da genealogia do poder-saber psiquiátrico, é uma noção epistemologicamente frágil e disforme, inserida num jogo de forças que se debatiam no interior do asilo. Numa genealogia, o historiador descreve e caracteriza um embate de forças.

Michel Foucault, o genealogista do poder, define-o, na aula de 07 de Janeiro de 1976 (*Collège de France*) como aquilo que “não se dá, nem se troca, nem se retoma, mas que se exerce e só existe em ato. Dispomos igualmente desta outra afirmação, de que o poder não é primeiramente manutenção e recondução das relações econômicas, mas, em si mesmo, primariamente, uma relação de força” (Foucault, 1976/2005a, p.21).

No caso da genealogia do poder-saber psiquiátrico, a força do paciente (de impor sua “loucura”) é confrontada com a força do médico (de impor sua disciplina); a força da desrazão da loucura é embatida pela força da realidade produzida pelo médico; a força do ser da loucura é atropelada pela força da microfísica disciplinar que compele sua manifestação e impede o seu próprio ser; a força do indivíduo internado no asilo, dotado de vontade e desejo, é atropelada pela força que sujeita esta vontade à vontade do médico: vontade que deve ser apagada, esfacelada do quadro do asilo com seus interstícios capilares de um poder (em sua microfísica...) que se deve voltar contra esta vontade – A vontade do médico é, então, a vontade soberana, que, com sua força, converte o desejo do sujeito em objeto da vontade do outro; “individualização disciplinar”; “objetificação” (transformação em objeto...) do sujeito internado no espaço asilar e individualizado dentro do esquadrinhamento (do espaço físico) por um sistema diretivo.

Falar de “vontade”, (sob inspiração da noção de “vontade de potência nietzschiana” em Michel Foucault), na genealogia do poder-saber psiquiátrico, significa caracterizar a realidade do internamento como um jogo complexo e particular de forças que agem e reagem entre si (“forças por toda parte..., um mar de forças tempestuando aqui e ali”, como filosofara Nietzsche (Nietzsche, 1999)...) incessantemente; uma multiplicidade típica de uma legítima vontade de poder, sem finalidade, expressa de modo declarado (uma vez que funciona paralela ao quadro rarefeito das nosografias, etiologias, dos estudos “...anatomopatológicos sobre as correlações orgânicas possíveis da doença mental e, por outro lado, o conjunto desses fenômenos táticos da direção” (Foucault, 1974/2006a, p. 224); conjunto o qual acaba por prevalecer sobre a incipiente tentativa de um estudo calcado no objeto mórbido em si. Vontade, portanto, que não pode ser tomada como “causa” assim como o poder não pode, no prisma genealógico, ser visto apenas como um poder “finalístico”.

A função da genealogia, enquanto método de construção da história de um determinado objeto, é mostrar a emergência de um determinado acontecimento (geralmente situado no campo da “raridade”) enquanto resultado de um determinado estado de forças. É exatamente o que se verifica na genealogia feita por Foucault do binômio poder-saber psiquiátrico:

A genealogia restabelece os diversos sistemas de  
submissão: não absolutamente a potência



antecipadora de um sentido, mas o jogo causal das dominações. A emergência sempre se produz em um determinado estado de forças. A análise da *Entstehung* deve mostrar seu jogo; o modo pelo qual elas lutam umas contra as outras, ou o combate que travam diante de circunstâncias adversas, ou ainda sua tentativa – dividindo-se contra si mesmas – de escapar à degenerescência e recobrar o vigor a partir de seu próprio enfraquecimento (Foucault, 1971/2001, p. 1011).

Verificam-se as características acima citadas pela reconstituição do “universo asilar”. Inicialmente, o próprio asilo é um sistema de submissão, um “meio fechado, (...) um poder absoluto” (Foucault, 1974/2006a, p. 219). A noção de direção, adotada por Foucault ao longo de suas aulas no curso consagrado ao “Poder psiquiátrico” (Foucault (2006a), sintetiza esse jogo de forças como “regime, domínio, regularidade e luta” (Foucault, 1974/2006a, p. 218), em que se travam combates em circunstâncias adversas abundantes de “pontos de apoio táticos, elementos estratégicos, manobras, intenções, “nós” nas relações entre o paciente e a própria estrutura asilar” (Foucault, 1974/2006a, p. 208).

A disciplina no asilo, instrumento de “cura” é, portanto, composta por força; força que impõe uma realidade àquela do internado. Sob este roteiro genealógico, o que significa a cura? Significa, antes de combate à doença, combate ao indivíduo internado: Forçar-lhe (no sentido de, pela força, impor-lhe...) uma realidade que não condiz com sua realidade de louco. Uma realidade “mais forte” que, pelas práticas do sistema de direção (diretivo), do regime disciplinar, sujeitam e conformam a uma nova realidade. Esta, uma vez passivamente absorvida significa, aos olhos onipotentes do médico, o efeito almejado, e por este denominado de “cura”. Curar-se é renunciar a algo para aceitar a vontade do outro, ou seja, uma outra realidade imposta.

Nada de um conhecimento científico calcado em uma “medicina investigativa”. A “*epistème*” da época não enxergava o que hoje se tem como um exercício de medicina. Curar era tão somente convencer, lutar contra uma vontade tida como onipotente, errônea, imoral, impura, obstinada, indisciplinada, arredia, etc. E, portanto, a “psiquiatria” via como cura o processo de redução desta “vontade indomável” à vontade do médico, qual seja, de gerar disciplina, resignação, submissão, passividade. O indivíduo que se dobra é o indivíduo curado no olhar do saber psiquiátrico no quadro da “*epistème*” médica pintado pela genealogia foucaultiana. O genealogista vê o real em seu “nu”, cru de valores nobres, de ideais idôneos de construção de um saber humanitário e benéfico à epistemologia psiquiátrica. Observe-se:

Ser adaptado ao real, renunciar à onipotência da loucura, querer sair do estado de loucura é precisamente aceitar um poder que se reconhece como insuperável, e renunciar à onipotência da loucura. Deixar de ser louco é aceitar ser obediente; é poder ganhar a vida, reconhecer-se na identidade biográfica que formam de vocês; é parar de sentir prazer com a loucura. De modo que, como vocês estão vendo, o instrumento pelo qual se reduz a loucura, esse suplemento de poder acrescentado à realidade para que ela domine a loucura, esse instrumento é ao mesmo tempo o critério da cura, ou então o critério da cura é o instrumento pelo qual se cura. Logo, pode-se dizer que há uma grande tautologia asilar na medida em que o asilo é o que deve proporcionar uma intensidade suplementar à realidade e, ao mesmo tempo, o asilo é a realidade em seu poder nu, é a realidade medicalmente intensificada, é a ação médica,



o poder-saber médico que não tem outra função além de ser o agente da própria realidade. (...) A disciplina asilar é ao mesmo tempo a forma e a força da realidade. (Foucault, 1974/2006a, p. 206).

O método da genealogia vai além de uma análise do discurso (conforme no método da chamada "arqueologia do saber..."). Dreyfus e Rabinow (1983/1995) definem a genealogia como aquilo que:

condiciona, limita e institucionaliza as formações discursivas (genealogia) (Dreyfus & Rabinow, 1983/1995, p. 116).

Mas, em Foucault, o método por ele cunhado como "arqueologia..." (análise das discursividades...), em seu projeto de elaborar a genealogia do poder-saber, quer seja ele um poder-saber disciplinar, político ou psiquiátrico, caminha junto com o seu método genealógico inspirado por Nietzsche:

A genealogia seria, pois, relativamente ao projeto de uma inserção dos saberes na hierarquia do poder próprio da ciência, uma espécie de empreendimento para dessujeitar os saberes históricos e torná-los livres, isto é, capazes de oposição e de luta contra a coerção de um discurso teórico unitário, formal e científico. A reativação dos saberes locais - "menores", talvez dissesse Deleuze - contra a hierarquização científica do conhecimento e seus efeitos de poder intrínsecos; esse é o projeto dessas genealogias em desordem e picadinhas. Eu diria em duas palavras o seguinte: a arqueologia seria o método próprio da análise das discursividades locais, e a genealogia, a tática que faz intervir, a partir dessas discursividades locais assim descritas, os saberes dessujeitados que daí se desprendem. Isso para reconstituir o projeto de conjunto (Foucault, 1976/2005a, p. 15).

Se a genealogia, em dados momentos, volta-se para a formação do discurso (apoiada pela "arqueologia...", como por ora no estudo da formação do discurso psiquiátrico) vai, porém, ampliar sua análise para o campo das práticas não-discursivas:

No nível genealógico, após mostrar que não há algo subjacente às aparências e que a metafísica acabou, Foucault parece chegar à conclusão de que nada tem significado nem é sério. Isto conduz a uma atitude estranha e complexa: temos que considerar o mundo dos discursos seriamente, primeiro porque nos divorciamos dele, e em segundo lugar porque ele não é fundamentado (Dreyfus & Rabinow, 1983/1995, p. 117).

E isto justamente nos é demonstrado por Foucault ao aplicar a genealogia ao estudo do poder-saber psiquiátrico. Este não guarda nada de metafísico; é, ao contrário, bem operante no domínio mesmo dos corpos concretos, corpos sujeitados a ele no espaço asilar. Não há um significado pleno a ser desdobrado pelo saber psiquiátrico de Pinel, Esquirol ou Leuret. O que há, longe de um significado da loucura ou uma estrutura cientificamente reconstruída em sua "seriedade", é um exercício de conformação, de sujeição ao sistema diretivo, de enquadramento do indivíduo e infiltração, nas "capilaridades" via uma microfísica de poder, deste poder disciplinar que sustenta o regime asilar.

Nessa atividade, que se pode, pois, dizer genealógica, vocês vêem que, na verdade, não se trata de forma alguma de opor à unidade abstrata da teoria a multiplicidade concreta dos fatos (...). Portanto, não é





um empirismo que perpassa o projeto genealógico; não é tampouco um positivismo, no sentido comum do termo, que o segue. Trata-se, na verdade, de fazer que intervenham saberes locais, descontínuos, desqualificados, não legitimados, contra a instância teórica unitária que pretenderia filtrá-los, hierarquizá-los, ordená-los em nome de um conhecimento verdadeiro, em nome dos direitos de uma ciência que seria possuída por alguns. As genealogias não são, portanto, retornos positivistas a uma forma de ciência mais atenta ou mais exata. As genealogias são, muito exatamente, anti-ciências. (...) Trata-se da insurreição dos saberes. (...) É exatamente contra os efeitos de poder próprios de um discurso considerado científico que a genealogia deve travar combate (Foucault, 1976/2005a, p.13-14).

O que há de ser seriamente considerado no discurso psiquiátrico estudado pelo método genealógico é, precisamente, segundo Foucault, sua total ausência de fundação, ou seja, uma lacuna de cientificidade do discurso, em outras palavras, a própria ausência de fundação em um saber científico. Ele é um discurso de poder. O título dado ao Curso (Foucault (2006a) oferecido no *Collège de France* no período de 1973-1974 já demonstra claramente isso.

Ora, a escolha do tema "poder-saber" psiquiátrico para o presente dossiê foi, precisamente, pela razão de, nesta altura da obra de Michel Foucault, em meados da década de 70, mostrar-se mais nítido o método genealógico, conforme também registrado nestas análises de Dreyfus & Rabinow (1983/1995, p.113). E ainda:

A elaboração da genealogia de Foucault foi o maior passo em direção a uma complexa análise de poder, mais satisfatória e autoconsciente. Ele deu este passo num ensaio publicado em 1971, intitulado "Nietzsche, a Genealogia, a História". Conforme acabamos de ver, Foucault explica em "A Ordem do Discurso" (Foucault (2004b), escrito na mesma época, que a genealogia é complementada e suportada pela "arqueologia...". Assim, a apresentação da genealogia não deve ser considerada como incluindo todo o instrumental metodológico de Foucault. Porém, não seria necessário superestimar a importância do ensaio para compreender o progresso da obra que se seguiu; todas as sementes do trabalho de Foucault dos anos setenta podem ser encontrados nesta discussão sobre Nietzsche (Dreyfus & Rabinow, 1983/1995, p.118).

Esses autores vão até oferecer uma clara definição da genealogia enquanto método de Foucault pós-70:

Mas, o que é genealogia? A genealogia se opõe ao método histórico tradicional; seu objetivo é "assinalar a singularidade dos acontecimentos, fora de toda finalidade monótona". Para a genealogia, não há essências fixas, nem leis subjacentes, nem finalidades metafísicas. A genealogia busca descontinuidades ali onde desenvolvimentos contínuos foram encontrados. Ela busca recorrências e jogo ali onde progresso e seriedade foram encontrados. Ela recorda o passado da humanidade para desmascarar os hinos solenes do progresso. A genealogia evita a busca da profundidade. Ela busca a superfície dos



acontecimentos, os mínimos detalhes, as menores mudanças e os contornos sutis. Ela evita a profundidade dos grandes pensadores que nossa tradição produziu e reverenciou; seu maior inimigo é Platão (Dreyfus & Rabinow, 1983/1995, p. 118).

### 3. Conclusão

O que a genealogia encontra no poder-saber psiquiátrico?

Nada que se assemelhe a um progresso contínuo de um saber construído, passo a passo, pela análise, pela investigação minuciosa de seu objeto, pelas positivities. Ela encontra um conjunto de acontecimentos dispersos (lembre-se das duchas frias aplicadas por Leuret, das privações, da vigilância e das técnicas de Pinel ("cadeira fixa..., cadeira móvel..., algemas..., roupa em forma de dedo de luva..., os esquifes de vime..., coleiras de cachorro com pontas embaixo do queixo... Toda uma interessantíssima tecnologia do corpo, cuja história talvez devesse ser feita reinscrevendo-a em toda a história geral desses aparelhos corporais" (Foucault, 1974/2006a, p.131)) que visavam, pela disciplina, subjugar a loucura, como no trecho em que Foucault descreve a ação de um *pajen* musculoso sobre um louco que se julgava um rei - no silêncio em que "nada é dito", o *pajen* o domina, o limpa e o lança sobre colchões com um olhar de dominação (Foucault, 1974/2006a, p.26).

Não há a continuidade de um saber psiquiátrico e sim as descontinuidades de uma "interessantíssima tecnologia do corpo" cuja história é, peculiarmente, reconstruída pelo método da genealogia.

Tecnologia disciplinar e suas descontinuidades bem distintas da homogeneidade e do "idealismo platônico" de um saber contínuo e progressivamente construído. A história do saber psiquiátrico desmascara qualquer idealismo de um saber, de fato, construído pelo jogo de forças do regime asilar, nada solene, nada sublime, sem uma profundidade redentora do tipo "pelo bem do louco, pelo bem da sociedade", mas "pelo poder do médico, pela sua onipresença, pela sua força de impor-se contra a vontade do louco".

O esforço genealógico por conhecer o "saber" psiquiátrico em sua possível envergadura científica mostra que o discurso psiquiátrico atrelado ao saber do asilo não possui esta ossatura de racionalidade científica. Suas proposições e enunciados não derivaram de algo como aquilo que as atuais ciências (numa certa "*epistème*" e sob um dado "*cogitatum*" científicos...) conhecem por verificações e demonstrações. O médico "psiquiatra" do asilo fazia outra coisa.

Ele jogava com as forças de poder, com o poder dos jogos de forças; e seu discurso emergia, assim, como um dos efeitos de poder no burburinho do fermento asilar.

Eis a genealogia do poder-saber psiquiátrico. O poder-saber que está na superfície dos acontecimentos (como nas técnicas de Pinel anteriormente descritas ou na confissão sob coerção, nos "banhos frios" aos quais Leuret submetia o Sr. Dupré para subjugar-lo a uma verdade do médico (Foucault, 1974/2006a, p.196); o poder-saber que está nos mínimos detalhes - penúria e sistema de carências (Foucault, 1974/2006a, p. 194) para convencer, inculcar uma realidade e fazer confrontar com a realidade da própria loucura: "ele vai perceber agora, não mais a realidade do mundo exterior, mas a realidade da sua própria loucura através do sistema de carências que estabelecem em torno dele" (Foucault, 1974/2006a, p.195).

Sob esta visão genealógica, desfaz-se a imagem clássica do "universal humanismo" de Pinel libertador dos internados acorrentados; um acontecimento passa, então, a ser vislumbrado como o "resultado da emergência contingente de interpretações impostas". A "história do humanismo", numa genealogia do saber psiquiátrico, vem desmascarar uma história do poder médico com sua

malícia mesquinha, das interpretações violentamente impostas, das intenções viciosas, das narrativas gloriosas que mascaram as razões mais vis. Para o genealogista nietzschiano, o fundamento da moralidade, pelo menos desde Platão, não deve ser



buscado na verdade ideal. Ele deve ser buscado na "pudenda origo": "baixas origens", lutas maldosas, crueldades menores, infindáveis conflitos de vontades. A história da história é a dos acidentes, da dispersão, dos acontecimentos casuais, das mentiras – não o desenvolvimento grandioso da Verdade ou a completa encarnação da Liberdade. Para Nietzsche, o genealogista por excelência, a história da verdade é a história do erro e da arbitrariedade (Dreyfus & Rabinow, 1983/1995, p. 120).

A objetividade de um saber psiquiátrico emerge atrelada a motivações subjetivas, num espaço das práticas (o foco da tática e do método genealógicos e, mais especificamente, de Foucault, o genealogista, "arquivista" e "arqueólogo do saber").

No poder-saber psiquiátrico, não há primazia da origem (e a genealogia vem apontar isso: o que se sabe, hoje, sobre a doença não tem uma origem demarcada por uma racionalidade científica da verificação e da demonstração como alvos do "conhecer", e sim um conjunto de objetos e instrumentos (i.e. técnicas disciplinares, repressões e seus efeitos, "tecnologia disciplinar microcapilarizada no corpo individual do internado" – microfísica do poder...). O saber psiquiátrico, sob o prisma do método genealógico, surge das falhas, dos imprevistos, dos acontecimentos abruptos, das rupturas... Daí, emergiu esse saber psiquiátrico empurrado "para fora da dobra do real" (como dizia Gilles Deleuze (Deleuze (2005) por uma matriz de poder. A história (genealógica...) de um saber psiquiátrico é uma história de poder: sujeição, dominação e luta no espaço asilar com seu sistema diretivo ou "práticas de direção" (Foucault, 1974/2006a, p. 217) e seu regime disciplinar.

De acordo com Foucault, a tarefa do genealogista é destruir a primazia das origens, das verdades imutáveis. Ele tenta derrubar as doutrinas do desenvolvimento e do progresso. Uma vez destruídas as significações ideais e as verdades originais, ele se volta para o jogo das vontades. Sujeição, dominação e luta são encontradas em toda parte. Onde se fala de significado e valor, virtude e divindade, Foucault procura estratégias de dominação. (...) Em vez de origens, significados escondidos ou intencionalidade explícita, Foucault, o genealogista, vê relações de força funcionando em acontecimentos particulares, movimentos históricos e história (Dreyfus & Rabinow, 1983/1995, p. 121).

No espaço asilar, campo de manobras sociais que afetam a todos nele envolvidos, a genealogia do poder-saber psiquiátrico não tem a pretensão de descobrir entidades substanciais (sujeitos, virtudes, continuidade, progresso científico, ideal humanista...). A genealogia busca delinear o surgimento de um "campo de batalha" (expressão cunhada pelos irmãos Dreyfus sobre o plano de observação no método genealógico foucaultiano) que situa um espaço de forças, vontades e jogos de poder (no seu espaço de uma microfísica atuante sobre os corpos).

São manobras sociais relevantes para todos aqueles envolvidos neste campo. O genealogista não pretende descobrir entidades substanciais (sujeitos, virtudes, forças) nem revelar suas relações com outras entidades deste tipo. Ele estuda o surgimento de um campo de batalha que define e esclarece um espaço. Os sujeitos não preexistem para, em seguida, entrarem em combate ou em harmonia. Na genealogia, os sujeitos emergem num campo de batalha e é somente aí que desempenham seus papéis.



O mundo não é um jogo que apenas mascara uma realidade mais verdadeira existente por trás das cenas. Ele é tal qual aparece. Esta é a profundidade da visão genealógica (Dreyfus & Rabinow, 1983/1995, p.122).

É neste campo de batalha que tem lugar a emergência do indivíduo sujeitado, como produto mesmo deste "campo de batalha" – conforme demonstra a noção de cura em Leuret e Pinel: Internado "curado" é aquele que se individualizou, sujeitou-se; foi sujeitado; tornou-se dócil (docilizado, como nos textos de Surveiller...(Foucault, 2004a), obediente e resignado frente à vontade do outro – Sujeição ao poder disciplinar, ao regime asilar, ao sistema diretivo; com seus jogos de forças; e emergência de um novo indivíduo cuja vontade é reprimida e dominada pela vontade do outro.

Portanto, a genealogia opera uma desmistificação do progresso e da continuidade. No caso do poder-saber psiquiátrico, violência e dominação historicamente estiveram lado a lado com as nosografias e etiologias da doença mental no século XIX.

A humanidade não progride lentamente, de combate em combate, até uma reciprocidade universal, na qual as regras substituiriam, para sempre, a guerra; ela instala cada uma dessas violências em um sistema de regras, e prossegue assim de dominação em dominação. (...) elas podem ser burladas ao sabor da vontade de uns e de outros... (Foucault, 1971/2001, p. 1013, trad. nossa).

## Referências

- Deleuze, G. (2005). *Foucault* (C. S. Martins, Trad.). São Paulo: Brasilense. (Original publicado em 1986)
- Dreyfus, H. L., & Rabinow, P. (1995). *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica* (V. P. Carrero, Trad.) (Coleção Campo Teórico). Rio de Janeiro: Forense Universitária. (Original publicado em 1983)
- Foucault, M. (1993). *Microfísica do poder* (11a ed.) (R. Machado, Trad.) (Coleção Biblioteca de Filosofia e *História* das Ciências, 7). São Paulo: Graal. (Original publicado em 1979)
- Foucault, M. (2001). Nietzsche, la généalogie, l'histoire. Em M. Foucault, *Dits et écrits, I, [1954-1975]* (pp. 1004-1024). Paris: Gallimard. (Original publicado em 1971)
- Foucault, M. (2002). *A arqueologia do saber* (6a ed.) (L. F. B. Neves, Trad.) (Coleção Campo Teórico). Rio de Janeiro: Forense Universitária. (Original publicado em 1969)
- Foucault, M. (2004a). *Surveiller et punir: naissance de la prison*. Paris: Gallimard. (Original publicado em 1975)
- Foucault, M. (2004b). *A Ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 02 de Dezembro de 1970* (10a ed.) (L. F. A. Sampaio, Trad.) (Coleção Leituras Filosóficas). São Paulo: Edições Loyola. (Original publicado em 1970)
- Foucault, M. (2005a). *Em defesa da sociedade: curso dado no Collège de France (1975-1976)* (M. E. Galvão, Trad.) (Coleção Tópicos). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1976)
- Foucault, M. (2005b). *História da loucura na idade clássica* (8a ed.) (J. T. C. Neto, Trad.)



(Coleção Estudos, 61). São Paulo: Perspectiva. (Original publicado em 1961)

Foucault, M. (2006a). *O poder psiquiátrico: curso dado no Collège de France (1973-1974)* (E. Brandão, Trad.) (Coleção Tópicos). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1974)

Foucault, M. (2006b). Eu sou um pirotécnico. Em R. Pol-Droit (Org.). *Michel Foucault: entrevistas* (V.P. Carrero & G.G. Carneiro, Trad.) (pp. 67-100). São Paulo: Graal. (Original publicado em 2004)

Nietzsche, F. (1999). O eterno retorno, a vontade de potência: textos de 1884 a 1888. Em *Nietzsche* (R.R.T. Filho, Trad.) (Coleção Os Pensadores) (pp. 439-462). São Paulo: Nova Cultural. (Original publicado em 1888)

Nietzsche, F. (2004). *Genealogia da moral: uma polêmica* (P. C. Souza, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1887)

### Notas

(1) Na terceira entrevista de Michel Foucault na coletânea de Roger Pol-Droit, intitulada "Terceira entrevista: Eu sou um Pirotécnico", Foucault rejeita o título de historiador e de filósofo; nesta entrevista, ele se auto-denomina um "pirotécnico" que construiu uma obra diferente... Vide: Foucault (2006b).

(2) Objeto específico do presente artigo.

(3) A expressão "*anátomo-política*", referindo-se a uma nova tecnologia do poder – o *biopoder* – pode ser lida, literalmente, na pág. 289, penúltimo parágrafo de: Foucault (2005a).

(4) Em especial, sobre os "instrumentos físicos de coerção e uma espécie de medicação psicofísica punitiva e terapêutica...", vide páginas 179-180; Mais detalhadamente, o "ritual geral do asilo" pode ser melhor compreendido pela leitura atenta das páginas 182 e 183. Sobre os "saberes de violência para minar a onipotência da loucura", vide as páginas 184 a 185; Sobre a "excessiva" violência de Leuret (sob o ponto de vista de Michel...) – "Agressão e violência" nas palavras do próprio Foucault, especial atenção deve ser dada à página 186. Sobre as "práticas de submissão", sugere-se a leitura das técnicas... detalhadas na página 189. Sobre os "saberes relativos a instituição de um estado de carência no paciente", vide páginas 190 a 192; As impressionantes técnicas da "ducha fria" de Leuret e da "terapêutica da confissão sob coerção" encontram-se, respectivamente, detalhadas nas páginas 196 e 198. Sobre a máquina asilar produtora de formações discursivas, a intensificação da realidade, jogos de verdade e a técnica que parte da realidade biográfica do paciente, é muito interessante a explanação de Foucault na pág. 201, o que culmina com as formações discursivas dissecadas na pág. 205: Ou seja, segundo o autor, a face produtiva do poder: Produção do discurso médico.

### Nota sobre o autor:

*Gilbert Cardoso Bouyer* é estudioso de filosofia; mestre em Engenharia de Produção pela UFMG, Doutorando da USP-SP em Engenharia de Produção, Professor Efetivo da UFOP, bolsista do Programa de Aperfeiçoamento ao Ensino – PAE/Capes pela USP-SP, criador do Grupo Sociedade Autopoiese de Conhecimento Transdisciplinar – [www.sociese.com](http://www.sociese.com). Contacto: [gilbertcb@uol.com.br](mailto:gilbertcb@uol.com.br)

Data de recebimento: 05/03/2007

Data de aceite: 10/10/2008